

A repetição em alguns conceitos psicanalíticos¹

GILBERTO GIORDANO FILHO²

O que permaneceu incompreendido retorna; como uma alma penada, não tem repouso até que seja encontrada solução e alívio (LAPLANCHE; PONTALIS, 2008, p. 85).

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de refletir sobre o conceito de repetição no contexto psicanalítico, olhando para suas características no cotidiano e em momentos vividos durante o processo de análise, como a transferência, o amor como repetição, o *acting out* e na compulsão à repetição. Uma análise do comportamento repetitivo é proposta com a intenção de salientar as possíveis características específicas ou similares na forma que a repetição se apresenta em cada um desses conceitos psicanalíticos e ao mesmo tempo buscar as prováveis relações com as diferentes formas de expressão da resistência e sua estreita relação com o fato de lembrar.

Palavras-chave: Repetição, Transferência, Amor, Compulsão, Resistência, Acting Out.

Como um ponto de partida na análise da repetição no contexto psicanalítico, a transferência apresenta características importantes, sendo considerada por Freud (1914) como um "fragmento da repetição". Durante a transferência com o analista, o sujeito reproduz as relações vividas como ações no presente e não somente como lembranças, ele repete naturalmente sem saber que está repetindo. O paciente não lembra suas relações anteriores, ele age sem saber o porquê, repetindo as fantasias, as ideias recalcadas, as inibições, as emoções e os seus sintomas.

A transferência, portanto, é uma repetição de experiências e de relações objetais internalizadas na infância com a sensação de atualidade. É uma atualização de conflitos inconscientes que anseiam por resolução e se apresentam em forma de ação, ao invés de lembranças que poderiam ser expressas pela fala do paciente (ETCHEGOYEN, 1987, p. 107). Portanto, a transferência é um processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam nas inter-relações objetais, mais especificamente na relação analítica.

Segundo Garcia Roza (2003), no processo transferencial, o que se repete são protótipos infantis, de tal forma que o analista, ao fazer parte destas repetições, pode tomar o lugar da imagem paterna ou materna. O paciente pode recordar fatos e experiências vividas, mas, na maioria dos casos, o que ele repete e reedita, na relação transferencial, não se trata exatamente de um relato fiel das suas vivências psicológicas passadas, mas sim algo que está

¹ Trabalho apresentado na jornada de estudos psicanalíticos promovida pelo Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul em 26/09/2020.

² Candidato em formação psicanalítica no Instituto de Estudos de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul.

aí, sendo vivido no presente em contemporaneidade com sua história passada através das repetições.

Segundo Freud (1917), a tarefa primordial do tratamento analítico é direcionar o que está inconsciente para o consciente e operar uma retirada progressiva das resistências que mantêm as repressões, ocasionando, por sua vez, a formação dos sintomas. Durante o tratamento analítico, nosso propósito é tornar consciente a formação de sintoma, em consequência, torná-la útil à realidade. À medida que as investigações da análise se aproximam do conflito inconsciente, todas as forças que fizeram a libido regredir se ativam como resistências ao trabalho da análise a fim de conservar o recalcado como está (FREUD, 1912).

A resistência seria tudo o que, nos atos e palavras do analisando, se opõe ao acesso ao seu inconsciente durante o processo psicanalítico (LAPLANCHE; PONTALIS, 2008, p. 458). Enquanto a transferência seria uma aliada em direção à cura ou uma ferramenta para o analista, a resistência funciona como um obstáculo, representando uma atitude de oposição do paciente às descobertas do analista aos seus desejos inconscientes. Seria tudo aquilo que atrapalha o trabalho analítico.

Freud (1914) faz uma relação entre transferência e a resistência no sentido de que, quando a transferência se torna excessivamente intensa ou hostil, a repressão assume parte do psiquismo do analisando a fim de diminuir o espaço da recordação e, ao mesmo tempo, abre caminho para a atuação do paciente. A atuação pode ser entendida como uma forma de resistência à recordação e simultaneamente um caminho de satisfação pulsional. Um ato no qual o sujeito “atua” uma pulsão, fantasia ou desejo, no presente com sentimento de atualidade, mas sem notar sua natureza repetitiva. Portanto, pensando na repetição enquanto característica, também do *acting out*, trago aqui uma definição que coloca este conceito em contraste com a transferência. Segundo Etchegoyen (1987, p. 416), a transferência é uma forma de lembrar, ela repete para trazer a lembrança, a transferência comunica e aproxima do objeto da pulsão. O *acting out* é uma forma de não lembrar, não comunica e afasta-se do objeto da pulsão. Todo *acting out* é uma transferência, mas o inverso não é verdadeiro.

Outra definição, porém mais atual, encontramos em Laplanche e Pontalis (2008, p. 6): *acting out* é um termo usado em psicanálise para designar as ações que apresentam, quase sempre, um caráter impulsivo, relativamente em ruptura com os sistemas de motivação do sujeito. Podendo representar para o analista uma marca da emergência do recalcado, a qual deve ser entendida sempre em sua conexão com a relação analítica e a transferência, mas também como uma tentativa de ignorá-la.

No caso Dora, Freud (1914) afirma que ela atuou uma parte essencial de suas

lembranças e fantasias em vez de produzi-las, gerando uma ruptura na sua análise. No texto "A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher", Freud (1920a, p. 115) faz outra referência ao *acting out* como uma forma de repetir em ato uma situação do passado que foi recalcada, uma repetição de padrões infantis na relação com o analista. Neste exemplo, uma jovem de 18 anos demonstrava adoração por uma mulher mais velha e de péssima reputação sexual na sociedade. Mesmo sem ter seus sentimentos correspondidos, a jovem forçava encontros com essa mulher de mais idade em locais onde existia a possibilidade de ser vista pelo seu pai, até que um dia ele realmente a encontrou e demonstrou grande desgosto, fato que resultou na tentativa de suicídio da filha.

Na interpretação de Freud (1920), o ato de passear e tentar mostrar ao pai o seu suposto relacionamento homossexual reproduzia uma ação direcionada ao pai que repetia em ato um momento anterior em sua vida, em que a jovem desejava ter um filho com o pai. Porém, o pai teve um novo bebê com a sua rival, a mãe, fato que fez a jovem desprezar o pai e todos os homens, repudiando o desejo de ter um filho e também qualquer papel feminino. A atuação neste exemplo remete uma censura ao pai por não saber amar, de forma a ensiná-lo como amar, até mesmo através de uma situação extrema, de uma mulher repudiada pela sociedade. A menina repetiu em ato o seu desejo, sendo que a sua homossexualidade poderia servir para preservar a mãe do seu ódio e punir o pai pela falta de amor.

Pensando na repetição dentro das relações amorosas, encontramos, em "O mal-estar na civilização" (FREUD, 1930), referências ao amor como sendo o produto de um mecanismo inconsciente, de repetição de demandas anteriores, embasadas em relações que vivenciamos no início da vida. Estas relações de afeto e cuidado são uma espécie de padrão que normalmente iremos buscar incansavelmente nos futuros possíveis parceiros, ou seja, vamos tentar repetir as sensações de afeto antes já vividas. Poderíamos dizer que o principal objetivo dos relacionamentos amorosos é alcançar a felicidade, a mesma que Freud define como impossível de ser alcançada, pois a felicidade não seria nada além de sensações momentâneas de repetição. Considerando a crença natural do ser humano de que o amor é um meio de se obter a felicidade, justifica-se a eterna repetição da busca por suprir a necessidade do que nos falta.

Segundo Freud (1914), as relações amorosas não são diferentes das outras relações que construímos ao longo de nossas vidas, pois sempre buscamos relações que reeditem outras do passado na tentativa de realizar o não realizado, repetir e viver o que foi reprimido, sem, no entanto, recordar de nada que foi esquecido e recalcado. Essa busca sempre ocorre no plano do inconsciente, causando o fenômeno da repetição.

A compulsão à repetição pode ser definida, segundo Laplanche e Pontalis (2008, p. 83), como um processo de origem inconsciente pelo qual o sujeito se coloca em atividade em situações penosas, repetindo experiências antigas sem se recordar do protótipo e tendo a impressão muito viva de que se trata de algo plenamente motivado na atualidade, um fator autônomo, irreduzível a uma dinâmica conflitual onde só entra o jogo conjugado do princípio do prazer e do princípio da realidade.

A compulsão à repetição é o mecanismo por meio do qual o inconsciente tende a buscar situações que possibilitem ao indivíduo reviver momentos geradores de conflito e sofrimento psíquico (FREUD, 1914). É como se o inconsciente estivesse tentando reviver situações semelhantes às traumáticas ou que originaram os sintomas em uma tentativa de curar a ferida psíquica. Seria uma tentativa de reedição de processos ou vivências insatisfatórias com o intuito de recuperar os danos deixados por traumas afetivos.

A repetição na psicanálise, de acordo com Garcia Roza (2003, p. 44), pode ser entendida de duas formas distintas: a repetição diferencial ligada à pulsão de vida, que é aquela repetição que se apresenta na transferência durante a análise, considerada sadia, e a repetição do mesmo, que é patológica e está ligada à pulsão de morte. A repetição patológica é considerada uma série de ocorrências e situações que se repetem compulsivamente e que são originadas de um acontecimento traumático, violento e perturbador ocorrido na infância. Por serem ocorrências demasiadamente pesadas e angustiantes para a criança, são recalçadas. (NASIO, 2013).

A personalidade do sujeito tende a ir ao encontro e reencontro do que lhe propicia prazer, porém, ao encontrar situações de desprazer, pode ocorrer o retorno ao que lhe provoca sofrimento. Desta forma haveria prazer para o sujeito também no desprazer, pois, se não houvesse prazer, não haveria a repetição que o leva justamente a situações desprazerosas. (FREUD, 1920).

Possivelmente, quando o indivíduo repete um comportamento ou algo que ele esqueceu ou reprimiu, ele pode estar tentando obter uma gratificação de desejos ou reviver fantasias infantis, de forma que esse tipo de comportamento repetitivo estaria ligado ao princípio do prazer. No caso da compulsão a repetição e no *acting out*, uma característica comum do comportamento repetitivo seria a substituição do ato de recordar, de forma que a ação de repetir fica longe do pensamento e estaria relacionada com acontecimentos reais ou traumas muito mais primitivos. Neste caso a atuação e a compulsão a repetição possuem características que afastam as possibilidades de recordar e conseqüentemente de elaborar, mas permitem ao indivíduo recordar através da ação.

Por fim, a presença do comportamento repetitivo parece muito forte na relação analítica e em nossa vida de forma geral, surgindo tanto em situações de busca pelo prazer quanto em momentos que podem levar ao desprazer. A repetição por um lado pode surgir como uma tentativa de proteção diretamente ligada à resistência, servindo como uma substituta da lembrança do conteúdo recalcado, e por outro pode se apresentar como uma forma de realizar tentativas de reviver o passado, ligadas diretamente com as nossas fantasias. A repetição que se apresenta na transferência durante o processo analítico surge através da palavra, dando lugar ao simbólico e trazendo um novo significado ao conteúdo anteriormente inconsciente.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1912). **A dinâmica da transferência.** In: _____. *Obras Completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, vol. 10, p. 133-146.

_____. (1914). **Recordar, Repetir e Elaborar.** In: _____. *Obras Completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, vol. 10, p. 193-219.

_____. (1915). **Observações sobre o amor de transferência.** In: _____. *Obras Completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, vol. 10, p. 210-228.

_____. (1917). **Conferências introdutórias sobre psicanálise: Transferência.** In: _____. *Obras Completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, vol. 13, p. 570-592.

_____. (1920). **Além do princípio do prazer.** In: _____. *Obras Completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, vol. 14, p. 161-239.

_____. (1920a). **Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina.** In: _____. *Obras Completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, vol. 15, p. 114-149.

_____. (1930). **O mal-estar na civilização.** In: _____. *Obras Completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, vol. 18, p. 13-123.

GARCIA ROZA L. A. **Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ETCHEGOYEN, H. **Fundamentos da técnica psicanalítica.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise.** São Paulo, Martins Fontes, 2008.

NASIO J. D. **Por que repetimos os mesmos erros.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2013.

QUINODOZ, J. **Ler Freud: guia de leitura da obra de Sigmund Freud.** Porto Alegre: Artmed, 2007.